

## O Corvo

Edgar Allan Poe

Enviado por:

Publicado em : 26/04/2007 11:50:00

Em certo dia, à hora, à hora  
Da meia-noite que apavora,  
Eu caindo de sono e exausto de fadiga,  
Ao pé de muita lauda antiga,  
De uma velha doutrina, agora morta,  
la pensando, quando ouvi à porta  
Do meu quarto um soar devagarinho  
E disse estas palavras tais:  
“É alguém que me bate à porta de mansinho;  
Há de ser isso e nada mais.”

Ah! bem me lembro! bem me lembro!  
Era no glacial dezembro;  
Cada brasa do lar sobre o chão refletia  
A sua última agonia.  
Eu, ansioso pelo sol, buscava  
Sacar daqueles livros que estudava  
Repouso (em vão!) à dor esmagadora  
Destas saudades imortais  
Pela que ora nos céus anjos chamam Lenora,  
E que ninguém chamará jamais.

E o rumor triste, vago, brando,  
Das cortinas ia acordando  
Dentro em meu coração um rumor não sabido  
Nunca por ele padecido.  
Enfim, por aplacá-lo aqui no peito,  
Levantei-me de pronto e: “Com efeito  
(Disse) é visita amiga e retardada  
Que bate a estas horas tais.  
É visita que pede à minha porta entrada:  
Há de ser isso e nada mais.”

Minhalma então sentiu-se forte;  
Não mais vacilo e desta sorte  
Falo: “Imploro de vós - ou senhor ou senhora -  
Me desculpeis tanta demora.  
Mas como eu, precisando de descanso,  
Já cochilava, e tão de manso e manso  
Batestes, não fui logo prestemente,

Certificar-me que aí estais.”  
Disse: a porta escancarou, acho a noite somente,  
Somente a noite, e nada mais.

Com longo olhar escuro a sombra,  
Que me amedronta, que me assombra,  
E sonho o que nenhum mortal há já sonhado,  
Mas o silêncio amplo e calado,  
Calado fica; a quietação quieta:  
Só tu, palavra única e diletta,  
Lenora, tu como um suspiro escasso,  
Da minha triste boca saís;  
E o eco, que te ouviu, murmurou-te no espaço;  
Foi isso apenas, nada mais.

Entro co'a alma incendiada.  
Logo depois outra pancada  
Soa um pouco mais tarde; eu, voltando-me a ela:  
“Seguramente, há na janela  
Alguma coisa que sussurra. Abram os.  
Ela, fora o temor, eia, vejamos  
A explicação do caso misterioso  
Dessas duas pancadas tais.  
Devolvamos a paz ao coração medroso.  
Obra do vento e nada mais.”

Abro a janela e, de repente,  
Vejo tumultuosamente  
Um nobre Corvo entrar, digno de antigos dias.  
Não despendeu em cortesias  
Um minuto, um instante. Tinha o aspecto  
De um lord ou de uma lady. E pronto e reto  
Movendo no ar as suas negras alas.  
Acima voa dos portais,  
Trepá, no alto da porta, em um busto de Palas;  
Trepado fica, e nada mais.

Diante da ave feia e escura,  
Naquela rígida postura,  
Com o gesto severo - o triste pensamento  
Sorriu-me ali por um momento,  
E eu disse: “Ó tu que das noturnas plagas  
Vens, embora a cabeça nua tragas,  
Sem topete, não és ave medrosa,  
Dize os teus nomes senhoriais:  
Como te chamas tu na grande noite umbrosa?”  
E o Corvo disse: “Nunca mais.”

Vendo que o pássaro entendia

A pergunta que lhe eu fazia,  
Fico atônito, embora a resposta que dera  
Difícilmente lha entendera.  
Na verdade, jamais homem há visto  
Coisa na terra semelhante a isto:  
Uma ave negra, friamente posta,  
Num busto, acima dos portais,  
Ouvir uma pergunta e dizer em resposta  
Que este é o seu nome: "Nunca mais."

No entanto, o Corvo solitário  
Não teve outro vocabulário,  
Como se essa palavra escassa que ali disse  
Toda sua alma resumisse.  
Nenhuma outra proferiu, nenhuma,  
Não chegou a mexer uma só pluma,  
Até que eu murmurei: "Perdi outrora  
Tantos amigos tão leais!  
Perderei também este em regressando a aurora."  
E o Corvo disse: "Nunca mais."

Estremeço. A resposta ouvida  
É tão exata! é tão cabida!  
"Certamente, digo eu, essa é toda a ciência  
Que ele trouxe da convivência  
De algum mestre infeliz e acabrunhado  
Que o implacável destino há castigado  
Tão tenaz, tão sem pausa, nem fadiga,  
Que dos seus cantos usuais  
Só lhe ficou, na amarga e última cantiga,  
Esse estribilho: "Nunca mais."

Segunda vez, nesse momento,  
Sorriu-me o triste pensamento;  
Vou sentar-me defronte ao Corvo magro e rudo;  
E mergulhando no veludo  
Da poltrona que eu mesmo ali trouxera  
Achar procuro a lúgubre quimera.  
A alma, o sentido, o pávido segredo  
Daquelas sílabas fatais,  
Entender o que quis dizer a ave do medo  
Grasnando a frase: "Nunca mais."

Assim, posto, devaneando,  
Meditando, conjecturando,  
Não lhe falava mais; mas se lhe não falava,  
Sentia o olhar que me abrasava,  
Conjecturando fui, tranqüilo, a gosto,  
Com a cabeça no macio encosto,

Onde os raios da lâmpada caíam,  
Onde as tranças angelicais  
De outra cabeça outrora ali se desparziam,  
E agora não se esparzem mais.

Supus então que o ar, mais denso,  
Todo se enchia de um incenso.  
Obra de serafins que, pelo chão roçando  
Do quarto, estavam meneando  
Um ligeiro turíbulo invisível;  
E eu exclamei então: “Um Deus sensível  
Manda repouso à dor que te devora  
Destas saudades imortais.  
Eia, esquece, eia, olvida essa extinta Lenora.”  
E o Corvo disse: “Nunca mais.”

“Profeta, ou o que quer que sejas!  
Ave ou demônio que negrejas!  
Profeta sempre, escuta: Ou venhas tu do inferno  
Onde reside o mal eterno,  
Ou simplesmente náufrago escapado  
Venhas do temporal que te há lançado  
Nesta casa onde o Horror, o Horror profundo  
Tem os seus lares triunfais,  
Dize-me: “Existe acaso um bálsamo no mundo?”  
E o Corvo disse: “Nunca mais.”

“Profeta, ou o que quer que sejas!  
Ave ou demônio que negrejas!  
Profeta sempre, escuta, atende, escuta, atende!  
Por esse céu que além se estende,  
Pelo Deus que ambos adoramos, fala,  
Dize a esta alma se é dado inda escutá-la  
No Éden celeste a virgem que ela chora  
Nestes retiros sepulcrais.  
Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora!”  
E o Corvo disse: “Nunca mais.”

“Ave ou demônio que negrejas!  
Profeta, ou o que quer que sejas!  
Cessa, ai, cessa!, clamei, levantando-me, cessa!  
Regressa ao temporal, regressa  
À tua noite, deixa-me comigo.  
Vai-te, não fica no meu casto abrigo  
Pluma que lembre essa mentira tua,  
Tira-me ao peito essas fatais  
Garras que abrindo vão a minha dor já crua.”  
E o Corvo disse: “Nunca mais.”

E o Corvo aí fica; ei-lo trepado  
No branco mármore lavrado  
Da antiga Palas; ei-lo imutável, ferrenho.  
Parece, ao ver-lhe o duro cenho,  
Um demônio sonhando. A luz caída  
Do lampião sobre a ave aborrecida  
No chão espraia a triste sombra; e fora  
Daquelas linhas funerais  
Que flutuam no chão, a minha alma que chora  
Não sai mais, nunca, nunca mais!

Tradução de Machado de Assis  
1883

\*\*\*\*\*